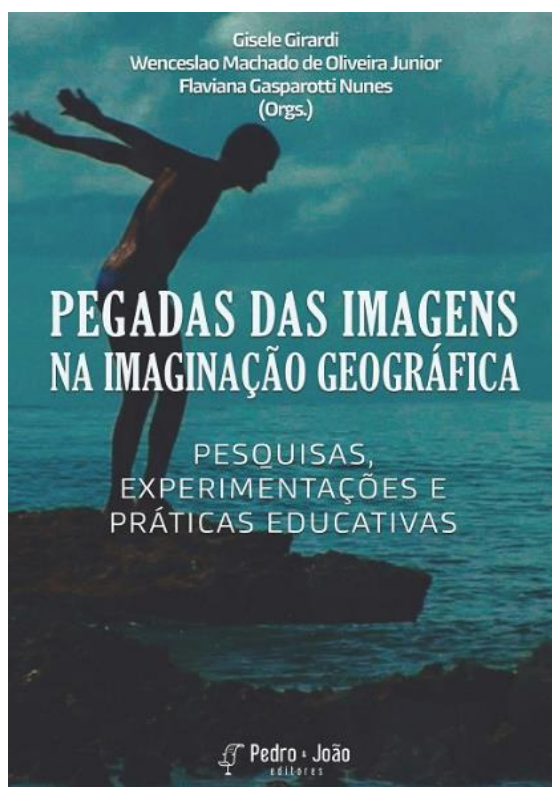

RESENHA

**PEGADAS DAS IMAGENS NA IMAGINAÇÃO GEOGRÁFICA: PESQUISAS,
EXPERIMENTAÇÕES E PRÁTICAS EDUCATIVAS (2022)**

Giovana Oliveira do Nascimento¹ <https://orcid.org/0000-0001-8700-2276>

¹ Mestra em Geografia – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: giovana.oliveira804@gmail.com



O livro *Pegadas das imagens na imaginação geográfica* compõe parte da trajetória da Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação”, organizado pelos professores e pesquisadores Gisele Girardi, Wenceslao Machado de Oliveira Júnior e Flaviana Gasparotti, publicado no ano de 2022, pela editora Pedro & João. Essa coletânea nos convida a



realizarmos um mergulho para além das linhas escritas, sobre o mundo das imagens e da linguagem visual. Um chamado poderosíssimo, capaz de romper as fronteiras da imaginação geográfica em um combate com o campo das imagens, com o conceito de espaço e com a educação.

A obra possui doze capítulos no total, de produções individuais, divididas em três blocos temáticos: pesquisando (as) imagens (e pensando através delas); educando (pelas) imagens (e ensinando através delas); falando (com) imagens (e vendo através delas). Desse modo, as problemáticas e pegadas serão reveladas à medida que constroem sentidos, usos e experimentações sobre o pensar, educar, criar e pesquisar imagens.

No primeiro capítulo, Verónica Hollman caminha pelos itinerários iniciais de um projeto de pesquisa coletiva, intitulado “Genealogías de las miradas”, propondo uma investigação teórica sobre o movimento de encontro do estudo das imagens na ciência geográfica, construído em torno da reflexão sobre a reconstrução das imagens e a ressignificação das dimensões espaciais. Com esse objetivo, propõe um questionamento central: “Como as imagens que já existem intervêm na criação de novas imagens?” (p. 40). Sob esse prisma, a autora percorre sobre a compressão das imagens enquanto uma grafia do espaço, dotadas de materialidade, possibilitando diversas composições e formas de se pensar uma imagem, de modo que a linguagem visual é fruto da interpretação e dos modos de observação individual. A cada novo olhar o mundo será registrado e reescrito na criação de novas imagens.

No segundo capítulo, Valéria Cazetta apresenta uma articulação das pesquisas coordenadas por ela e desenvolvidas pelo grupo de “Pesquisas Interdisciplinares em Culturas visuais” a partir de uma reflexão em torno das fronteiras entre a educação, a geografia e as imagens. Outrossim, propõe um olhar multiescalar nas práticas de pesquisa e orientação, alicerçada teórica e metodologicamente nas perspectivas deleuze-guattariana e didi-hubermaniana. Decompondo seu texto em duas bifurcações: “Como tenho pensado a orientação de pesquisa?” e “Trajetórias de orientação até aqui”, pelas quais expõe, respectivamente, um delineamento sobre a orientação atravessada pelas linguagens das imagens e da educação geográfica, além de um recorte das pesquisadas orientadas nos últimos anos.

Gabriela Tebet, Ellen de Souza, Natália Santos, Bruna Santos e Paulo Fabrício Gomes apresentam, no terceiro capítulo, os resultados de uma pesquisa alicerçada na identidade negra, na pedagogia antirracista e na territorialidade dos espaços ocupados pelos bebês. Os autores partem de um estudo sobre a cartografia e as imagens em uma geografia de bebês, no estudo da infância sob a ótica das relações étnico-raciais, refletindo sobre as subjetividades racializadas

expressas na vida cotidiana. Desse modo, são analisados os deslocamentos de crianças negras e brancas nos espaços educativos, domésticos e nos terreiros de candomblé.

No quarto capítulo, Yamith Cuello Vergara e María Alejandra Taborda Caro desenvolvem um estudo analítico sobre a fotografia como um registro simbólico da espacialidade corporal, da identidade e do território de vida, experienciado na construção de uma memória cultural da comunidade indígena de “Emberá Katío del alto Sinú”. Assim, as fotografias acumulam signos e são capazes de materializarem a resistência e o significado de existência de um povo.

Luís Henrique Dias Rocha e Flaviana Gasparotti Nunes, no quinto capítulo, discorrem sobre as potencialidades da linguagem cinematográfica no ensino de geografia, conforme uma pesquisa de mestrado desenvolvida em torno da lei 13.006/2014, que trata da obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais nas escolas da educação básica. Com isso, examinam o fundamento estético do cinema, analisando três colagens de filmes nacionais e sua capacidade de desenvolver um olhar artístico e subjetivo, dado na experiência de assistir às espacialidades apresentadas.

No sexto capítulo, Sandra Gomez, Pablo Sebastian Moreira Fernandez e Sabina Prado constroem uma interpretação poética sobre os encadeamentos entre a fotografia, a Geografia e a educação ao longo de um intercâmbio de experiências realizado em uma oficina com professores e alunos de diferentes localidades da Argentina, propondo, destarte, um diálogo entre a iconografia de Erwin Panofsky e a fenomenologia de Roland Barthes. A oficina se propôs a produzir, experienciar e narrar fotografias, de modo que se revelaram vivas, sendo sensíveis a uma interpretação das geograficidades do mundo, dos espaços e das paisagens que a configuram.

O sétimo capítulo, escrito por Silvia de Amorim e Ana Paula Nunes Chaves, explora a afetividade imagética nas paisagens fotografadas, emergidas da inquietação: “O que vejo da minha janela?”, dentro de uma experiência pedagógica com crianças do ensino público de Florianópolis. A narrativa se insere no contexto de adaptações das práticas educativas devido a pandemia da Covid-19 e no destaque dado às imagens na contemporaneidade, sobretudo com a disseminação dos aparelhos tecnológicos. Dessa forma, as imagens propiciam a criação de “novas perspectivas de ver o mundo” (p. 169), relatando histórias do cotidiano escolar infantil.

Raphaela de Toledo Desiderio, autora do oitavo capítulo, entrega uma importante reflexão sobre o uso das imagens nos conteúdos da geografia escolar, além de impulsionar a criação e o uso de novas imagens nos princípios da identidade e diferença dos espaços habitados, pois “a existência do espaço só pode ser reconhecida pela multiplicidade” (p. 192).

Portanto, sua pesquisa se origina de uma oficina experimental nas aulas de Estudos Amazônicos, com estudantes do 9º ano da escola pública de Xinguara, na Amazônia Paraense, em um rico diálogo sobre as imagens geográficas expressas nas fotografias Amazônicas, diante do questionamento: “o que vinha à mente quando pensavam em Amazônia” (p. 183). Dessa forma, problematiza o território de poder das imagens, do pensamento geográfico e da identidade estudantil sobre o lugar que habitam.

No nono capítulo, Luiz Guilherme Augsburguer, Ana Maria Hoepers Preve e Danilo Stank Ribeiro nos sensibilizam ao relatar uma experiência, uma tentativa e um modo de se fazer uma oficina apresentando os resultados da exibição do filme *Zero em comportamento*, do cineasta francês Jean Vigo (1933), no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico (HCTP), localizado em Florianópolis/SC. A oficina não atuou apenas como mero recurso pedagógico, ou estruturação rotineira à prática educativa, porém, foi um elemento encadeador de ideias e propiciador de uma educação sensível na abertura de interpretações dos pacientes a um filme que dialogava com suas vivências.

No decorrer do décimo capítulo, Carlos Eduardo Albuquerque Miranda e Wenceslao Machado de Oliveira Júnior inspiram ao relatar sobre um encontro entre a linguagem do cinema e as pessoas, por meio de uma comunidade de cinema, intitulado "cineclube", formada por pesquisadores da rede de imagens, professores, estudantes da graduação e da pós-graduação, pais e educadores da rede pública. Com o intuito de estabelecerem conexões e subjetividades no “exercício das inteligências pessoas, em seu contato com a inteligência dos filmes” (p. 233), pelo qual o cinema serviu como instrumento de aprendizagem sobre a educação, a infância, a juventude e os corpos dotados de singularidade e identidades.

Clarisse Maria Castro de Alvarenga, no décimo primeiro capítulo, nos leva em uma viagem juntamente com a produção de seu filme *Homem-peixe*. Um filme que ganha vida na narrativa vernacular de seu personagem central, Juscelino, um homem de vida simples, mas repleto de saberes sobre seu espaço vivência, em uma relação comunicacional com o lugar, a natureza e sua cultura. “O encontro entre o cinema e o mundo é ocasionado privilegiando as qualidades sensíveis da experiência” (p. 243). Nesse contexto, as imagens exercem um poder, pois são construtoras de sentidos do corpo para com a realidade apresentada.

Por fim, no último capítulo, Irene Depetris Chauvin inicia sua escrita com a seguinte afirmação: “o cinema é uma prática e uma forma de pensamento que tem uma dimensão espacial, sensorial, afetiva, política” (p. 261), por isso, nos propõe uma leitura crítica e uma reflexão sensível sobre a obra *Homem-peixe*, de Clarisse Alvarega. Durante a prática e a construção cinematográfica, o filme foi capaz de descentralizar uma visão cartesiana sobre a

geografia local, além de explorar novas dimensões das paisagens, transpondo um novo modo de reconhecer o espaço, por intermédio dos múltiplos sentidos do lugar, fazendo o uso da geografia e da antropologia cultural, para nos apresentar uma geografia afetiva e sensorial.

Diante disso, o livro se ‘movimenta’ em um exercício de divagar por novas direções, que possibilitam uma leitura sobre as imagens, a fotografia e o cinema. Apresentando-nos novas lentes e maneiras de investigar geograficamente a linguagem visual, narrando práticas e vivências, em um diálogo sobre os processos de criação de imagens na educação e o ensinar através delas. Sendo, portanto, uma obra de extrema relevância para pesquisadores, professores e estudantes de Geografia e Educação.

Logo, nos impulsiona para olhar o Espaço pelas perspectivas da geógrafa Doreen Massey, que reconhece o Espaço como uma esfera da multiplicidade, um entrelaçamento de trajetórias distintas que coexistem, um sistema aberto, sendo o produto de inter-relações, construído por meio de interações, estando, assim, em constante construção (MASSEY, 2008). E, com isso, a ação de questionar às imagens, pois elas não se constituem de uma mera representação espacial, mas sim de uma composição e expressão do próprio Espaço.

Referências

GIRARDI, Gisele; OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao Machado de; NUNES, Flaviana Gasparotti (orgs.). **Pegadas das imagens na imaginação geográfica: pesquisas, experimentações e práticas educativas**. São Carlos: Pedro & João, 2022. 296 p. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/pegadas-das-imagens-na-imaginacao-geografica-pesquisas-experimentacoes-e-praticas-educativas/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

Artigo recebido em: 24 de abril de 2022.

Artigo aceito em: 20 de junho de 2022.

Artigo publicado em: 03 de agosto de 2022.